

Darli e Darci vão ao Forum encapuzados

JOÃO ALBERTO FERREIRA
e EDSON LUIZ

Darli Tavares da Silva e seu filho Darci Alves Pereira, acusados de mandante e autor da morte do líder sindicalista Chico Mendes, pretendem ir ao Forum de Xapuri, para o julgamento, na quarta-feira, encapuzados. Ontem, um de seus advogados, Rubens Lopes Torres, levou o tecido, uma cambraia de linho branca, para a costureira Margarida Alves de Lima fazer os capuzes. E justificou:

— Quero preservar a imagem dos meus clientes. Eles já foram muito explorados.

O Juiz Adair José Longuini, porém, já avisou que vai proibir o uso dos capuzes. Mas Rubens informou que eles serão retirados no momento em que Darli e Darci passarem à responsabilidade do Juiz, no Forum.

Na costureira, bem devagar, com riqueza de detalhes, Rubens desenhou os capuzes e explicou a Margarida que eles não poderiam ser pontiagudos:

— Se não, vão parecer com os da Ku Klux Klan, a organização terrorista dos Estados Unidos.

Rubens cuidou pessoalmente de cada detalhe. Os capuzes serão arredondados no alto da cabeça e com buracos para os olhos. Ele não quis usar um tecido preto, para que seus clientes não ficassem parecendo com os carrascos que, nos filmes, usam capuzes negros.

Aliás, o cinema é uma das fontes de inspiração de de Rubens. Ele contou que um repórter da revista francesa "L'Express" lhe telefonou de Lisboa, na semana passada, e perguntou:

— No filme sobre Chico Mendes, quem o senhor gostaria que representasse seu papel?

Ajeitando os óculos escuros, ele não teve dúvidas:

— Charles Bronson. O Tribunal de Justiça, indiferente às manobras do advogado, não aceitou seu recurso contra a condenação a 12 anos de prisão de Darci e de seu irmão Oloci Alves da Silva, por tentativa de homicídio contra dois seringueiros. Em junho de 1988, Darci e Oloci, filhos do fazendeiro Darli Alves da Silva — também será julgado no dia 12 —, atiraram num grupo de seringueiros na sede do extinto IBDF, em Xapuri. O advogado vai recorrer.

Darci — que é acusado de ser o autor da morte do sindicalista Chico Mendes — e seu irmão, Oloci, foram julgados em junho. O advogado Rubens Lopes Torres considerou que a pena fora muito pesada para o tipo do crime e recorreu ao Tribunal de Justiça, que, na semana passada, confirmou o veredito do Juiz de Xapuri, Adair José Longuini, que volta a julgar Darci, na quarta-feira, pela morte de Chico Mendes.



A costureira Margarida Lima experimenta o capuz que o advogado Rubens Torres encomendou para os clientes

Advogado, misterioso, talvez tente adiar o júri

RIO BRANCO — Rubens Lopes Torres, advogado dos dois acusados no inquérito sobre a morte do sindicalista Chico Mendes, disse ontem que poderá tentar adiar o julgamento. Darli Alves da Silva, apontado como mandante do crime, executado por seu filho, Darci Alves Pereira, passou os últimos dez dias com uma crise de úlcera.

— Se ele piorar, vamos tentar adiar. O ideal seria realizar o júri em março — disse Rubens.

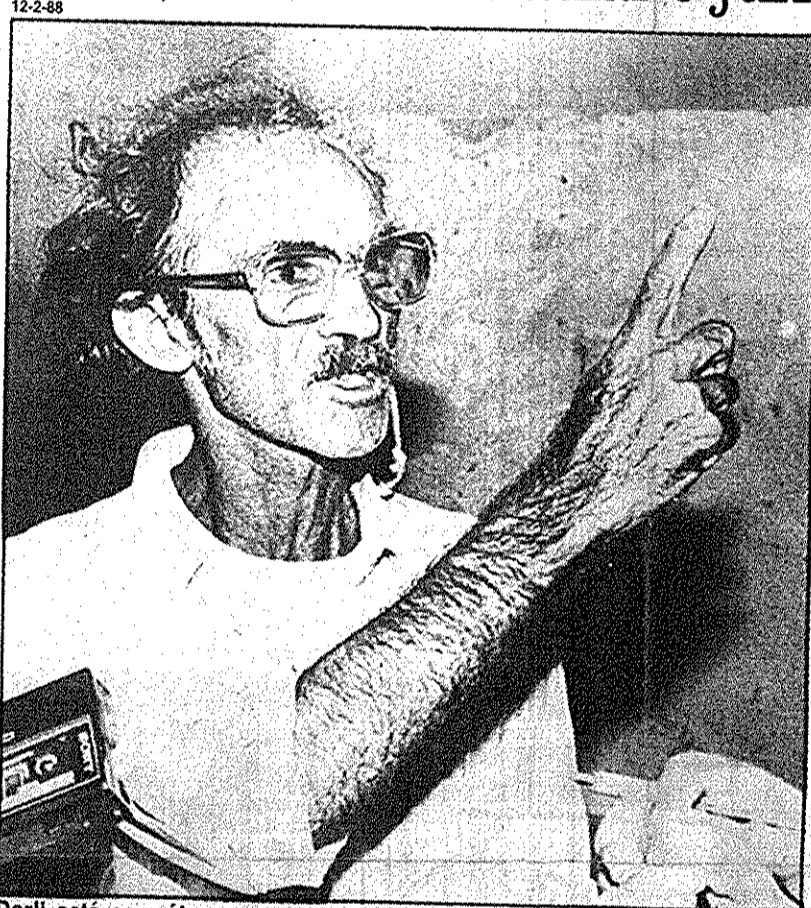
Ele teme que seus clientes entrem no Forum de Xapuri praticamente sem chances de absolvição, porque haveria forte pressão contra eles, traduzida na invasão da cidade por jornalistas do Mundo inteiro, ambientalistas, artistas e políticos.

O julgamento deverá ser espetacular. Ontem, um grupo de artistas, patrocinado pela Fundação Cultural do Governo do Estado, viajou para Xapuri, a fim de apresentar uma peça durante o julgamento. Hoje, um barco deve partir levando empresários de Rio Branco.

Na Capital, há fortes rumores de que Darli poderá desmaiar durante o julgamento, numa desesperada tentativa de adiá-lo. Rubens diz que não, mas, enigmático, avisa:

— Tudo pode acontecer.

O Juiz Adair José Longuini telefonou para Rubens, no sábado à noite, para informá-lo de que substituirá cinco jurados. O advogado, com um papel no qual



Darli está com úlcera e, por isso, seu advogado pode pedir o adiamento

estavam os nomes dos novos membros do júri, gostou da troca, reclamada por ele:

— Muitos jurados eram ligados ao PT.

De fato, um vereador e o presidente local do PT estavam entre os 21 jurados, entre os quais serão sorteados os sete finais. Eles estavam na lista por acaso. Ha-

viam sido sorteados entre 290 nomes, tradicionalmente escolhidos, todos os anos, nos meses de novembro e dezembro, entre os seis mil habitantes de Xapuri, para formar os júris do ano seguinte. Os 290 nomes são escolhidos entre os cidadãos mais idôneos. Depois, para os júris, são sempre sorteados.

Vozes do Acre

ANDREW REVKIN

Agora que se aproxima o dia do julgamento do pai e do filho acusados de assassinar Chico Mendes, me vejo recordando algumas das conversas que tive no ano passado, no Acre. Por três meses andei pelas trilhas da floresta, tentando reconstituir os fatos da vida notável de Chico Mendes e de sua súbita morte.

Ainda posso ouvir ecos da voz de Sebastião Alves da Silva, pai de Darli e avô de Darci, quando passamos uma tarde na varanda de sua casa em Xapuri. Aos 86 anos, seu olhar e sua voz eram ainda firmes e diretos, quando ele expunha a filosofia da família. "Nós não somos pessoas violentas", disse ele. "Mas se alguém te trata mal, te ataca, tenta te enganar, você tem dois caminhos: procurar a Justiça ou pegar uma espingarda e matar o homem". No Brasil, disse ele, é difícil encontrar justiça nos tribunais ou na polícia. "Se você me mostrar um delegado ou um soldado que obedece à lei, eu não vou matar ninguém".

Então Sebastião encerrou a conversa com uma frase que congelou meu sangue: "Chico Mendes ficou vivo tempo demais".

Ainda posso ouvir outras vozes tenebrosas, inclusive a do próprio Darli. E estive com ele, na prisão, em Rio Branco. Darli não parecia perigoso. Ele era magro, franzino, e seus olhos flutuavam atrás de grossas lentes de uns óculos grandes demais para seu rosto. Mas sua voz era a voz de um homem perigoso. Ele falava baixo, como o som que uma cobra produz antes do bote. Darli estava certo de que seria solto e me contou que seu advogado, Rubens Lopes Torres, disse que a acusação contra ele era muito fraca.

— Meu advogado disse "Darli, fique com a cabeça fria, deite na rede e balance. Logo você vai poder relaxar, comprar um belo caminho e viver tranquilamente".

Lembro de outras vozes que eram ainda mais desencorajadoras. Como a do terceiro promotor a trabalhar no caso Chico Mendes, um homem chamado Eliseu de Oliveira. Conversamos no fórum de Xapuri e ele mostrou muito pouco interesse em levantar no-

vas provas ou investigar possíveis ligações entre Darli e Darci e outras pessoas, mais importantes, que poderiam ter participado no planejamento do assassinato. Eliseu disse que não entendia por que o caso estava chamando tanta atenção.

— O fato é que todo mundo sabia que mais cedo ou mais tarde Chico seria morto.

Felizmente tenho boas lembranças do Acre que compenham as deprimentes. Lembro das vozes dos mil seringueiros que se reuniram em Brasília em 1989 para, pela primeira vez em muitos anos, eleger uma liderança honesta para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Essas pessoas estavam decididas a resistir diante dos fazendeiros que estavam destruindo as seringueiras e castanheiras, fontes de sua sobrevivência e de sua alegria.

E ainda lembro da voz de um seringueiro que encontrei quando já estava há cinco dias subindo o rio Jurua de canoa. Seu nome era Antonio. Apesar de nunca ter ouvido falar desse homem chamado Chico Mendes, Antonio estava decidido a permanecer na floresta. Seu mundo lá era tão completo — tão rico em castanhas, frutas, plantas medicinais e seringueiras — que ele não conseguia imaginar como alguém poderia viver fora da floresta.

— Se eles cortarem as árvores, como será possível viver? — perguntou-me. — Você pode imaginar um país que só tem pasto e gado, sem árvores e homens?

Antonio disse que estava entrando para o Conselho Nacional dos Seringueiros, que ele chamava de "conselho nacional da liberdade". Ele estava ansioso para ver escolas e postos de saúde na floresta, para que as crianças pudessem levar uma vida decente.

Agora estou indo para o Acre, de volta a Xapuri, onde vou ouvir uma voz que é nova no Amazonas: a voz da Justiça.

Sem dúvida, essa voz será inexperiente e imperfeita — como a voz de um recém-nascido. Mas ela vai crescer, devagar e firme, e vai garantir o fim dos dias do Oeste selvagem na fronteira amazônica.

Só com a garantia de justiça para os povos da floresta o Brasil pode garantir a sobrevivência da própria floresta. Essa foi a mensagem pela qual Chico Mendes viveu e morreu.

Andrew Revkin é jornalista e biólogo americano, autor do livro "Tempo de morte, tempo de queimada" e está acompanhando o julgamento do Caso Chico Mendes, em Xapuri.

ENTREVISTA/Márcio Thomaz Bastos

Ex-Presidente da OAB paulista vai fazer a acusação em Xapuri

THÉLIO DE MAGALHÃES

SÃO PAULO — Márcio Thomaz Bastos, de 54 anos, 32 dos quais dedicados à advocacia criminal, embarca hoje, às 9h, para Xapuri, para participar do seu 721º júri — talvez o mais importante de sua carreira —

como acusador. Naquela cidade do Acre, se sentarão no banco dos réus, os dois acusados de participação no assassinato de Chico Mendes: o fazendeiro Darli Alves da Silva, de 56 anos, acusado de ser o mandante do crime, e seu filho, Darci Alves Pereira, de 26, apontado como autor.

Ex-Presidente da Seccional Paulista e do Conselho Federal da OAB, há várias semanas ele vem se dedicando com afinco ao estudo do processo, convencido de que a condenação dos acusados é um marco importante para coibir a violência no campo.

O GLOBO — Os réus presos são os únicos autores do crime ou há outros suspeitos em potencial?

BASTOS — Não tenho a menor dúvida de que os réus que irão a júri são culpados. As provas reunidas no processo são maciças. Tenho também a firme convicção de que há outros envolvidos na morte de Chico Mendes. Basta lembrar que ele, pouco antes de morrer, fez uma lista apontando os nomes de suspeitos. Essa lista é um bom começo para o prosseguimento do inquérito.

O GLOBO — Xapuri é lugar seguro para o julgamento e com clima capaz de assegurar serenidade e imparcialidade aos jurados?

BASTOS — Xapuri é o lugar onde os personagens desse drama sempre viveram. E esse é o princípio do júri: os acusados devem ser julgados pelos seus pares, pelos que os conhecem.



Acredito que haverá superlotação, mas esse fato não perturbará a serenidade e imparcialidade do julgamento. Tenho a convicção de que a punição dos acusados será um marco para pôr fim à violência fundiária, levando-se em conta, principalmente, o fator intimidativo.

"Tenho a firme convicção de que há outros envolvidos na morte de Chico Mendes. Antes de morrer, ele fez uma lista"

O GLOBO — Quais serão as teses da acusação e defesa?

BASTOS — É evidente que a tese da defesa será a de negativa da autoria. A acusação, por sua vez, pedirá a condenação por homicídio qualificado. Esse será um júri em que se jogará o tudo ou nada.

O GLOBO — A defesa vê possibilidade de absolvição?

BASTOS — Não acredito em absolvição. As provas técnicas, testemunhais e de confissão apontam Darci e Judeir (foragido) como executores do crime e Darli como mandante. A pena é de 12 a 30 anos. Como a Justiça se pauta pelo mínimo, acredito que serão condenados de 14 a 16 anos.

O GLOBO — A imprensa tem noticiado com equilíbrio e imparcialidade os lances que cercam a morte de Chico Mendes?

BASTOS — Entendo que sim e o processo foi exemplar nesse sentido. E um julgamento sob o foco da imprensa ajuda a difundir a noção de Justiça. A imprensa tem dado igual oportunidade aos defensores e acusadores, tanto que nos últimos dias tem predominado o material da defesa, inclusive com entrevista dos acusados.

Testemunha chega escoltada

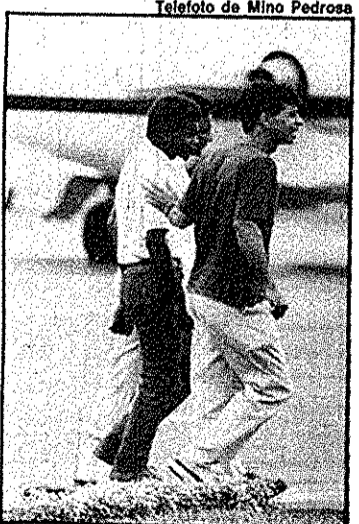
Adolescente vai depor de novo contra Darli

EDSON LUIZ

RIO BRANCO — A principal testemunha do julgamento do fazendeiro Darli Alves da Silva e seu filho, Darci Alves Pereira, acusados de mandante e autor da morte de Chico Mendes, o adolescente Genésio Ferreira da Silva, de 15 anos, chegou ontem a Rio Branco e foi recebido por membros do comitê Chico Mendes e agentes da Polícia Federal. O menor estava estudando fora do Estado, para onde fora levado após fazer várias denúncias contra Darli.

Genésio chegou a Rio Branco acompanhado pelo jornalista Zuenir Ventura, que está com sua guarda, e foi imediatamente levado para uma Toyota que estava estacionada no pátio do aeroporto e saiu rapidamente, acompanhada por carros da Polícia Federal. Com o menino estavam o Presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Júlio Barbosa de Aquino, e outras três pessoas.

Antes de deixar o Acre, Genésio prestou vários depoimentos na Polícia de Xapuri, envolvendo a família Alves no crime. Chegou, inclusive, a orientar policiais nas buscas realizadas na fazenda de Darli. Como testemunha do crime, Genésio ficou alguns me-



Genésio é escoltado por policiais

ses na delegacia de Xapuri e depois foi transferido para o Quartel da Polícia Militar e, em seguida, viajou para o Rio de Janeiro. Atualmente estuda em outro Estado, não revelado pela Polícia.

Genésio Ferreira da Silva ainda continua com o corpo franzino de quando deixou o Acre. Ontem, ele parecia não se preocupar com a dezena de fotógrafos que o esperavam no aeroporto de Rio Branco, onde também desembarcou o ex-Presidente Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Márcio Thomaz Bastos, que atuará como auxiliar de acusação, junto com a advogada Suely Belatto.

Na época do crime, o menor vivia na fazenda de Darli, pois sua irmã era casada com Oloci Alves, um dos filhos do fazendeiro e que também está preso em Rio Branco.